

PELAS TEIAS DA MILITÂNCIA:

Um olhar global acerca das questões de gênero por meio da vida de Eneida de Moraes

Amanda Batista da Silva¹

Gabriel Luar Calado Bandeira²

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é explorar, por meio da experiência de globalidade da jornalista paraense Eneida de Moraes (1904 - 1971), aspectos relacionados às questões de gênero em seu tempo (1930 - 1960), correlacionando também seu apagamento na história. Para essa análise, direcionamos o olhar à trajetória política de Eneida, cuja militância construiu uma rede de relações que ultrapassou fronteiras regionais, impactando diretamente a imprensa e a literatura brasileira do período. Utilizamos da transnacionalidade de Eneida para conectar, comparar e contextualizar as mulheres e as questões de gênero da época, por meio do jornalismo e da literatura, ampliando o debate sobre a participação intelectual feminina e seus espaços na historiografia nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Eneida de Moraes; Gênero; Feminismo; História Global;

Through the webs of militance: A global look at gender issues through the life of Eneida de Moraes

ABSTRACT:

The objective of this work is to explore, through the global experience of the Pará journalist Eneida de Moraes (1904 - 1971), aspects related to gender issues in her time (1930 - 1960), also correlating her erasure in history. For this analysis, we direct our attention to Eneida's political trajectory, whose activism built a network of relationships that went beyond regional borders, directly impacting the Brazilian press and literature of the period. We use Eneida's transnationality to connect, compare and contextualize women and gender issues of the time, through journalism and literature, expanding the debate on female intellectual participation and their spaces in national historiography.

¹Graduada em História pela Universidade Federal da Paraíba. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (PPGH- UFPB). Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6814057273624980>. E-mail: amanda_batistaa1@outlook.com

²Graduado em História pela Universidade Federal da Paraíba. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (PPGH- UFPB). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1341876571230136>. E-mail: gluarcalado@gmail.com

KEYWORDS: Eneida de Moraes; Gender; Feminism; Global History;

História Global: um novo caminho teórico - metodológico

Com o aumento das guerras, processos intensos de industrialização, globalização e ampliação do capitalismo, a historiografia tradicional já não conseguia mais suprir as necessidades de seu tempo. Entre as décadas de 1930 e 1960, o Brasil e o mundo foram palco de diversas mudanças nos campos político, econômico e social, que impactaram diretamente - neste diálogo - a imprensa e a literatura. Sabe-se que nem todas as nações acompanharam a ideia de modernidade e desenvolvimento impulsionada pelas grandes potências capitalistas do primeiro mundo. Países do Sul Global, presos há séculos pelos tentáculos da colonialidade, não ocuparam o protagonismo nas narrativas da história, que foram impedidas de ser contadas, dominadas pelas raízes do eurocentrismo.

Nesse caminho iniciado pela *Escola dos Annales*, a fim de repensar a historiografia tradicional, o campo da História Global torna-se um meio promissor para tratar histórias outrora excluídas e marginalizadas. Com força desde a década de 1990, a História Global permite pensar para além das fronteiras nacionais, analisando transformações em escala global por meio de estruturas menores vinculadas por (des) conexões, padrões e escala. Nesse jogo de escalas e de relações, se possibilita salientar novas dimensões, alargando o ângulo de visão e observando processos que, durante muito tempo, foram considerados irrelevantes ou indetectáveis (Conrad, 2019). Nesse novo campo teórico-metodológico, a história das mulheres se encontra juntamente a outras análises como pós-colonial e decolonial, a fim ampliar e contribuir para outras narrativas deslocadas do tradicionalismo historiográfico.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Nesse ínterim, o presente trabalho busca por meio de Eneida de Moraes e sua jornada política, encontrar e compreender quais espaços foram circulados e permitidos às mulheres da época. Utilizando-se de sua obra literária e jornalística entre os anos 1930 e 1960, centraliza-se a reflexão pelo viés da militância, compreendendo que esse foi o espaço de longa duração que ofereceu mobilidade, integração e conexão para a escritora, invadindo as questões culturais, sociais e políticas que não puderam ser limitadas ou impedidas pelas fronteiras nacionais para Eneida.

Eneida de Moraes: vivências e conexões políticas

“É esse o meu roteiro de águas: Amazonas, o lendário; Capibaribe, o digníssimo; Sena, o romântico; Atlântico, o paisagista. Outras águas não fazem parte de minha vida[...]” (Moraes, 1955, p.27). Eneida nasceu em 1904 em Belém, durante o período mais "rico" do estado e da capital, fruto do ciclo da borracha, conhecido como *Belle Époque* paraense. Eneida veio de uma família enriquecida pelo comércio entre a capital e os seringais, sendo fruto da relação de um comandante de navio e uma professora de português. Graças a essa realidade, cresceu dentro de sua posição de privilégio, já inserida em uma grande rede de mobilidade - sendo essa a primeira dentro de sua história - com seu pai pelo estado e com idas e vindas ao Rio de Janeiro, onde estudou durante alguns anos, até a morte de sua mãe, em 1919.

Desde os sete anos, já escrevia para o meio literário, mas foi no seu retorno a Belém, com apenas quinze anos de idade, que Eneida estreou no jornalismo paraense, publicando na revista *A Semana* com o pseudônimo de Miss Fidelidade.

A reconhecida performance de sua prosa facultaram [sic] à escritora o ingresso no jornal O Estado do Pará, onde vivenciou as oposições ao governo local e reivindicações populares. Nessa fase, estréia na função de repórter de eventos culturais e passa também a publicar crônicas do tipo militante - a exemplo, *Conversando* (1928), na qual contesta o discurso liberal burguês e feminista das sufragistas, achando que apenas o instituto do voto era insuficiente para atingir igualdade entre gêneros [...] (Santos, 2007 ,p. 31-32).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Transgressora em sua escrita, publicou em Belém até meados de 1930, quando se separou do marido e desvinculou-se do pai para morar no Rio de Janeiro, e ingressou na militância na capital do país. No final dos anos 20 e início dos 30, continuou a publicar por meio de correspondências para a capital paraense, para o jornal *O Estado do Pará* e outros periódicos do período, mantendo o tom crítico e ácido por meio de um pensamento transnacionalizado voltado para realidades outras de mulheres, trabalhadores e da população da época

Perseguida, vivendo de forma clandestina, e tendo sua vida exposta em uma rede de mentiras, Eneida foi presa em 1935 e enviada para a Casa de Detenção, Pavilhão dos Primários, onde apenas entre 1937-1938 foi absolvida pela justiça. Viveu juntamente a outras vinte e cinco mulheres presas políticas, entre essas têm-se os nomes de Eugênia Álvaro Moreyra, Beatriz Bandeira, Olga Prestes, Maria Werneck, Elisa Soborovisky, Nise da Silveira e Carmén Ghioldi, além de Graciliano Ramos³, Rodolfo Ghioldi, Manuel Bandeira e Valdemar Birinyi.

Três meses depois ela voltou.[...] Essa mulher se chamava Elisa Soborovsk [...] o governo Getúlio Vargas entregou-a mais tarde à Gestapo. Hitler matou-a [...] jamais conheci mulher tão culta, tão humana, tão valente [...] Na noite em que ela partiu com Olga Benário para o navio que as levaria a Hitler era inverno e tiritávamos de frio. Sofríamos ainda mais, porque tínhamos aprendido a amá-la.(Moraes, *Arunda*, 1997, p. 138)

O impacto da vivência com outras mulheres anti fascistas, comunistas e presas políticas, consolidou a escrita crítica e extremamente politizada de Eneida. Durante a prisão, ela já fortalecia seu trabalho jornalístico, enxergando para além das fronteiras do cárcere, utilizando-se do radiojornalismo para informar os demais sobre assuntos políticos, culturais e sociais, com informações trazidas de fora ou

³ Eneida é apresentada na obra *Memórias do Cárcere* (1953) de Graciliano Ramos, sendo o livro uma das principais fontes de investigação acerca das vivências de Eneida na prisão para além dos seus próprios escritos memorialísticos.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

observadas por ela. Além disso continuou a estudar, ajudou a alfabetizar presos, tornou-se intérprete de Olga Benário, que só falava francês (Lopes, 2019), adoeceu e ficou à beira da morte diversas vezes, além de fazer parte de levantes e revoltas até finalmente ser inocentada.

Nos anos seguintes, Eneida continuou ligada ao PCB, passando a escrever entre 1947 e 1952 para a revista feminina *Momento Feminino*, vinculada e formada majoritariamente por mulheres comunistas. Ainda durante o mesmo período, fez da Associação Brasileira de Escritores, da qual ocupou os cargos de segunda secretária e secretária interina, sendo a única mulher, até então, a ingressar na A.B.D.E. Nesse espaço, debateu e homenageou grandes amigos, escritores e companheiros de luta partidária, como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Batista, Jorge Amado e Graciliano Ramos, além de frequentemente relembrar a luta das mulheres contra o fascismo, tanto no mundo quanto no Brasil.

No início dos anos 1950, graças à sua amizade com o casal de militantes Eugênia e Álvaro Moreira, contribuiu dominicalmente, de seu exílio na França, para o jornal *Diário Carioca*, a fim de se sustentar por meio do jornalismo na capital francesa. Escreveu, por meio de correspondências, sobre acontecimentos literários, culturais e poéticos, deixando de lado, durante esse período, os aspectos mais críticos de sua escrita. Ao retornar ao Brasil, continuou a contribuir e ingressou também no jornal *Diário de Notícias*, onde colaborou até o ano de sua morte, por meio da coluna *Encontro Matinal*, duas vezes por semana, dividida com os jornalistas Odilo Filho e Heráclito Sales. Contribuiu também, no mesmo jornal, com outras reportagens, como *Mulheres contam sua vida* e *Mulheres de Ontem e de Hoje*.

Em 1954, publicou seu primeiro livro sob formato de crônicas de caráter memorialístico e autobiográfico, *Cão da Madrugada*, seguido posteriormente pela publicação de *Aruanda* (1957) e *Banho de Cheiro* (1962). “A conquista da autocrítica, a vida cada vez mais vivida através dos livros e do contato direto, honesto, sincero

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

com o povo, com os trabalhadores, com suas reivindicações, com a sua luta. Por onde eu andar - aqui, ali, acolá - hoje, sempre encontro um companheiro. A minha grande família [...]” (Moraes, 1997, p. 276-277). Em suas crônicas, relembra as prisões, refaz os caminhos do exílio e de suas companheiras de época, utilizando-se de conexões entre objetos, pessoas e momentos para lembrar a história. Em suma, Eneida faz um exercício - talvez o mais claro - de interligar suas vivências a de outros, apresentando, compreendendo e transgredindo-as.

Espaços femininos permitidos: debates e (des)conexões

No Brasil, Duarte (2017) observa que a literatura, a imprensa e a consciência feminista surgiram de forma praticamente simultânea. Com o avanço do letramento, as mulheres se apossaram da leitura, da escrita e da análise crítica, passando a produzir textos em variados formatos, como crônicas, poesias e narrativas ficcionais. Esse movimento resultou na criação de dois tipos de imprensa: uma voltada ao público feminino e outra concebida por mulheres e direcionada a elas mesmas, consolidando-se como imprensa feminina e feminista, respectivamente.

Ademais, a imprensa, enquanto fonte histórica, permite uma compreensão abrangente do papel desempenhado pelas mulheres em diversas perspectivas e contextos políticos e sociais ao longo do tempo. Nesse sentido, diante da importância de ampliar e diversificar a história das mulheres, torna-se fundamental resgatar e reconhecer os espaços ocupados por personagens frequentemente relegadas ou apagadas da literatura e da historiografia nacional. Sendo assim, buscamos nas fronteiras culturais e sociais permitidas pelo uso de ambas as fontes, compreender aqui a integração de estruturas e suas relações entre diferentes causalidades que podem operar em largas escalas (Conrad, 2019).

Nessa intersecção entre literatura e jornalismo, encontra-se a escrita de Eneida de Moraes, produzida majoritariamente em formato de crônicas, sendo uma

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

escrita híbrida considerada de cânone menor. As crônicas passaram a ser um dos poucos espaços de expressão feminina e feminista, tratando-se tanto da busca por direitos à educação, profissão e voto, quanto abrindo o diálogo com questões sociais, culturais e literárias da época.

Já no início do século XX, com o forte processo de “modernização”, observa-se o fortalecimento das questões de gênero e o início da primeira onda feminista brasileira, que esteve majoritariamente centralizada na luta pela cidadania, especialmente pela conquista do voto feminino, tendo como grandes líderes Bertha Lutz e Nísia Floresta. Esse feminismo possuía duas faces: a primeira, “bem comportada”, caracterizada como conservadora, reforçando papéis sexuais de gênero e suas representações (Caetano, 2017), e a segunda, considerada “mal comportada”, vinculada a grupos mais diversos de mulheres que já tratavam de sexualidade, divórcio e outros direitos básicos. Conectada pelos três graus de escrita - literatura, jornalismo e crônicas - e em meio à primeira onda feminista - e ao início da segunda -, Eneida foi um espelho direto das questões políticas, sociais e culturais de sua época.

Paralelamente ao sufragismo, movimento de tendência liberal burguesa, desenvolvem-se no Brasil outros movimentos de mulheres operárias, um sob orientação anarquista e outro com predomínio das teses do Partido Comunista Brasileiro (PCB). As mulheres libertárias lutaram contra a exploração da força de trabalho, baixos salários e a opressão sexista. Tinham idéias próprias em torno do processo de emancipação da mulher que contrastava com o moralismo conservador de seus companheiros e como o discurso do movimento sufragista. (Álvares, 2011, p.10)

Eneida, declaradamente, não se considerava feminista; seu debate sobre as questões de gênero era outro. Consciente de seu espaço de privilégio por ter nascido em uma família rica, a escritora paraense escreveu e viveu boa parte de sua vida afastando-se de seus ideais burgueses e aproximando-se da militância comunista. No campo jornalístico, Eneida, assumidamente anti-sufragista, enxergava a luta das mulheres de forma distinta. Sua primeira publicação polêmica a respeito foi para o jornal paraense *O Estado do Pará*, em 1928, intitulada "Conversando".

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Vamos igualar os direitos. Muito bem. Todos os direitos? Então as mulheres acabarão loucas. Por que? O homem casado tem direito e acha-se quase na obrigação de ser infiel. A mulher que é desleal, a sociedade - outro castigo mundial - aponta com o dedo e despreza. Direitos iguais? Pois sim. Eu que não acredito neles. (...) Vamos continuar mulheres, vamos deixando o homem com a presunção de que governa. Vamos continuando frágeis, sutis, bonecas de porcelana... A nossa vitória é da inteligência. (Moraes, *O Estado do Pará*, 1928, ed. 5737, p.1)

Como já apontado, Eneida era cética quanto ao movimento, que, para ela, não se tratava apenas da esfera pública, mas também da esfera privada. Aproximava-se também da ideia da anarquista Maria Lacerda de Moura, professora e escritora mineira, que considerava o voto um processo inadequado de luta pelo poder, beneficiando não a maioria, mas uma minoria de mulheres.

Além de Eneida e Maria Lacerda de Moura, a amazonense e jornalista Orminda Bastos também contribuiu para (des)conexões entre os debates feminino e feministas da época. Sufragista, acreditava que a emancipação da mulher estava ligada ao afastamento do homem por meio do trabalho, sem que ela perdesse a docilidade. Além disso, considerava o voto algo que deveria ser exercido apenas por quem tivesse capacidade e instrução, sendo, portanto, restrito (Álvares, 2011). Distanciando-se ou aproximando-se, tanto Eneida quanto Orminda se conectam por meio das questões de gênero no início do afloramento do feminismo paraense na década de 1920, construindo e ampliando uma rede de debates que, posteriormente, seria aprofundada por outras intelectuais e estudiosas nortistas.

No meio literário assim como no jornalismo da década de 1930, Eneida nunca declarou-se feminista. Da mesma forma que Raquel de Queiroz (1910-2003) escritora cearense e colega que “Deu voz às mulheres de sua geração, mas não abraçou a causa feminista” (Câmara, Câmara, Soutullo, 2015, p.128) Em contrapartida, presa junto a Eneida e admirada por ela, Patrícia Rehder Galvão (1910-1962), ou Pagu, vinculava-se diretamente ao feminismo, mais precisamente ao feminismo socialista, tratando da luta da mulher operária e pela liberdade sexual

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

feminina. Em níveis diferentes e com suas desconexões, ambas escritoras brasileiras aproximam-se das questões de gênero dentro da primeira onda feminista brasileira, influenciadas por mulheres e realidades diversas no Brasil e no mundo, ao mesmo tempo em que ampliavam o debate para as que se encontravam à margem da sociedade na época.

A escrita transnacional de Eneida

Eneida contribuiu desde os quinze anos de idade até o ano de sua morte, produzindo para diversos jornais e revistas brasileiros. Na década de 1940, tornou-se parte da redação da revista feminina *Momento Feminino*, vinculada ao PCB, contribuindo por meio da coluna Mundo de Hoje, escrevendo com fugacidade e precisão acerca da luta política feminina de diversos continentes. Dentre suas reflexões, Eneida descreve o processo de organização de movimentos femininos no Brasil e na América Latina como débil, assim como as conquistas lentas e prejudicadas no território nacional pelo governo Dutra, que "não respeita a constituição" (Moraes, 1947, ed. 01, p. 8). Menciona a descredibilização e o esquecimento da mulher latina, exemplificados pelo eurocentrismo de um jornal britânico ao tratar Eva Perón como a primeira mulher dedicada à política na Argentina. Chama a atenção para sua crítica no campo educacional, especialmente pela falta de acesso à educação e ao letramento das mulheres latinas.

Em Cuba, por exemplo só 33% das meninas em idade escolar frequentam as aulas e na Venezuela só 163 mulheres tiveram até agora educação universitária. E no Brasil? Isso é uma coisa que não se dizem as nossas estatísticas. No Brasil qual a porcentagem de analfabetos do sexo feminino? (Moraes, 1948, *Momento Feminino*, ed. 29, p. 2).

Para além, debateu sobre a luta contra o fascismo em defesa dos princípios democráticos, a luta pelas mulheres negras nos Estados Unidos e pelo enfrentamento de seu governo imperialista. Buscou falar sobre os movimentos e vitórias das mulheres que viviam em guerra, como as espanholas sob o regime

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

franquista. Em suma, diversos assuntos são reiterados pela jornalista em sua coluna, com o objetivo de educar e conscientizar as mulheres brasileiras.

Até a década de 1960, Eneida continuou a circular pelos meios jornalísticos brasileiros e internacionais, mantendo sua posição como mulher intelectual comunista. Em 1945, fez parte da Comissão Pró-Anistia do Diretório Democrático da Tijuca e protestou, por meio da Assembleia Brasileira de Escritores, ao lado de Sérgio Buarque de Holanda, Peregrino Júnior e Osório Borba, contra a sobrevivência do DIP. No mesmo ano, participou do 1º Congresso Brasileiro de Escritores, sendo uma das poucas mulheres a integrar o evento e a se posicionar sobre a importância da participação feminina na luta contra a ditadura.

Em 1947, continuou a debater contra o fascismo e a censura, além de se opor à cassação de Arcelina Mochel, vereadora do Rio de Janeiro, quando o Partido foi colocado na ilegalidade. Em 1953, participou da Conferência Latino-Americana de Mulheres, realizada em Copenhague, que reuniu Brasil, Argentina, Chile, Equador, Paraguai, Bolívia e outros países. Ainda pelos caminhos do PCB, em 1959 participa do Congresso Internacional de Jornalismo em Praga representando o Brasil que fez parte de uma longa viagem pelo mundo comunista e alguns países da Europa.

Sendo sua outra face a literária, Eneida também construiu diálogos entre política e cultura por meio de seus livros e de sua participação no meio literário da época. Eneida tinha como melhores amigos Carlos Drummond de Andrade e Jorge Amado, colegas que contribuíram diretamente para suas reflexões literárias. Em 1959, durante sua viagem pelo mundo soviético, Eneida marcou presença no Congresso de Escritores de Moscou, além de ter sido convidada pela União Chinesa de Escritores, ampliando seu debate para além do meio literário nacional, o que foi apresentado em sua obra *Caminhos da Terra: URSS, Tchecoslováquia, China* (1959).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Fez parte, junto a muitos outros, da Associação Brasileira de Escritores, além de se inserir na União de Trabalhadores Intelectuais. Ocupou o cargo de diretora da Escola Siqueira Campos e, ao mesmo tempo, se apaixonou pelo carnaval carioca, unindo anualmente a elite intelectual brasileira em sua festa *Baile do Pierrot*. Eneida foi matéria de diversas páginas de jornais e revistas escritas por nomes como Haroldo Bruno, Carlos Drummond de Andrade e Renard Perez, graças aos seus livros, sendo considerada uma das melhores cronistas de seu tempo (DIÁRIO CARIOCA⁴, 1954), além de ser considerada a melhor escritora do Pará. A própria paraense declarava:

A literatura brasileira me enche de orgulho. [...] Reafirmo: a literatura brasileira é rica - riquíssima - não apenas em obras, mas também no comportamento humano dos escritores. São homens e mulheres lúcidos, sabendo que é impossível separar cultura de democracia (*Manchete*, 1967, ed. 795, p.69)

Transgressora em seu espaço como várias outras mulheres intelectuais de sua época, Eneida conectou lugares e pessoas por meio da sua vertente política, construindo em sua literatura e jornalismo reflexões para além das fronteiras de suas prisões ou das paredes de suas casas. Viajante, leitora assídua, amante da cultura paraense e de sua cidade natal, transpôs limites e espaços poucas vezes permitidos às mulheres, compreendendo também a importância da sua própria de integração em suas vivências e escrita.

Conclusão

“E o que quero fazer com este meu livro: abrir a minha Aruanda, meu passado e meu presente, para que ela deixe de ser apenas minha e se torne de todos, pois que para mim nada existe de meu: a própria vida é um grande bem coletivo” (Moraes, 1997, p.27). Eneida de Moraes viveu, escreveu e compartilhou os mesmos círculos literários de grandes nomes de sua época, como Jorge Amado, Carlos

⁴ Não foi possível localizar o autor(a) da resenha acerca da obra de Eneida, *Cão da Madrugada*. *Diário de Notícias (RJ)*, 1954, ed. 8111, p.2)

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Drummond e Graciliano Ramos. Contudo, apesar de sua relevância, permaneceu apagada da historiografia e literatura em contrapartida a seus colegas homens.

Assim, frente às múltiplas questões levantadas pela historiografia feminina, a História Global surge como uma oportunidade de repensar, por meio das redes que conectam, desconectam e atravessam fronteiras, a complexidade das relações sociais, culturais de mulheres consideradas marginalizadas ou “isoladas”. Mulher e nortista, Eneida possibilita retomar espaços não somente para a história das mulheres no campo mais amplo, mas das mulheres paraenses, comunistas e intelectuais. Por meio de Eneida, torna-se possível enxergar uma escrita globalizada vinda de uma personagem cuja vivência violou fronteiras outrora negadas ou limitadas, refletindo sobre quais espaços e lutas as mulheres debatiam e buscavam em seu tempo.

REFERÊNCIAS

Fontes

Moraes, Eneida de. **Aruanda/Banho de Cheiro**, ed. especial, Belém, Editora Cejup/Secult, 1997.

Moraes, Eneida de. **Cão da Madrugada**, 2 ed., Belém, Editora José Olympio, 1955.

Moraes, Eneida de. **Diário de Notícias**, 1954, ed. 06861

Moraes, Eneida de. **Manchete**, 1967, ed. 795, p.69 - entrevista

Moraes, Eneida de. **Momento Feminino (RJ): Um jornal para o seu lar**, ed. 01, Mundo de Hoje, 1947, p.2.

Moraes, Eneida de. **Momento Feminino (RJ): Um jornal para o seu lar**, ed. 02, Mundo de Hoje, 1947, p.2.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Moraes, Eneida de. **Momento Feminino (RJ): Um jornal para o seu lar**, ed. 27, Mundo de Hoje, 1948, p. 2.

Moraes, Eneida de. **Momento Feminino (RJ): Um jornal para o seu lar**, ed. 29, Mundo de Hoje, 1948, p.2.

Moraes, Eneida de. **Momento Feminino (RJ): Um jornal para o seu lar**, ed. 30, Sofrem as Mulheres Paraguaías, 1948, p.4.

Moraes, Eneida de. **O Estado do Pará**. 1928, ed. 5737, p.1

Pólvora, Hélio. **Diário Carioca**, 1959, ed. 9649, p.6

Bibliografia

Álvares, Maria Luzia Miranda. **Versões do Feminismo na Amazônia brasileira: Orminda e Eneida nos contextos nacional e internacional. Os feminismos latino-americanos e suas múltiplas temporalidades no século XX ST**, v. 40, 2011.

<https://especializacaoemgenero.com.br/textos/Luzia%20aula%201/feminismo-na-amazonia.pdf>

Borges, P. D. V. R. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Revista de Teoria da História, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94–109, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658>. Acesso em: 7 jul. 2024.

Câmara, Yls Rabelo; Câmara, Yzy Maria Rabelo; Soutullo, Melina Raja. **O Quinze: revisitando a importância de Rachel de Queiroz para a cultura cearense, a literatura brasileira e o feminismo no Brasil do século XX**. 2015. https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/23399/1/2015_art_ycamaraymrcamara.pdf

Caetano, Ivone Ferreira. **O feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade**. Revista do Curso de Especialização em Gênero e Direito, v. 1, p. 1-24, 2017.

Conrad, Sebastian. **O que é a História Global?**. Leya, 2019

Da Costa, Gabriela Caroline Raudenkolb; Belo, Geovane Silva; De Amorim, Thaís Fernandes. **SILENCIAMENTO E TRAÇOS DE ESCRITA FEMININA EM DULCINÉA PARAENSE**. Revista Alere, v. 23, n. 1, p. 221-241, 2021. <https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/6269>

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Da Silva Bandeira, Ana Paula Bornhausen. **Jornalismo feminino e jornalismo feminista: aproximações e distanciamentos**. Vozes e Diálogo, v. 14, n. 02, 2015.

De Moraes, Letícia Nunes. **HISTÓRIAS DE PAGU: MEMÓRIA, FEMINISMO E CULTURA POLÍTICA**.

Dos Santos, Eunice Ferreira. **Eneida de Moraes: militância e memória**. Em Tese, v. 9, p. 99-106, 2005. <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3539>

Dos Santos, Eunice Ferreira. **ENEIDA DE MORAES: RITOS DE ENTRADA E DE PERMANÊNCIA NO CENÁRIO POLÍTICO E JORNALÍSTICO LITERÁRIO BRASILEIRO (1929-1970)**. MOARA–Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944, n. 27, p. 26-38, 2007. <http://novoperiodicos.ufpa.br/periodicos/index.php/moara/article/view/3332>

Duarte, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos avançados, v. 17, p. 151-172, 2003. <https://www.scielo.br/j/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/?format=html>

Duarte, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação**. Revista XIX, v. 1, n. 4, p. 95-105, 2017. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21741>

Lopes, Samara da Silva Fernandes. **Resistência, memória e luta feminina na crônica “o capítulo dos relógios” de Eneida de Moraes e em poemas dedicados a Helenira Resende**. 2019.

Palacios, Marcos. **Convergência e memória: jornalismo, contexto e história**. MATRIZES, v. 4, n. 1, p. 37-50, 2010. <https://www.revistas.usp.br/matrizess/article/view/38274>

Pereira, Maria do Rosário Alves. **Primórdios da crônica de autoria feminina no Brasil e a luta pela igualdade de gênero**. Jangada: crítica | literatura | artes, v. 8, n. 1, p. 106-118, 2020.

Ramos, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Editora Record, 2020.

Santos, João Júlio Gomes dos; Sochaczewski, Monique. **História global: um empreendimento intelectual em curso**. Tempo, v. 23, n. 3, p. 483-502, 2017. <https://www.scielo.br/j/tem/a/5Qh7XtLX9H9Q4hxrVWMPmhG/>

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Tuzino, Yolanda Maria Muniz. **Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura.** v. 24, p. 08-09, 2009.

Vianna, Lúcia Helena. **Mulheres revolucionárias de 30.** Niterói: Gênero, p. 28-34, 2002

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade